

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA
FUNDACÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA - IBGE
DIRETORIA DE PESQUISAS

**INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDUSTRIA
PRODUÇÃO FISICA - REGIONAL**

REGIÃO NORDESTE

PERNAMBUCO

BAHIA

MINAS GERAIS

| 1988 : JUNHO |

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

REGIÃO SUL

| 15 / 08 / 88 |

ÍNDICE

	PAGINA
NOTAS METODOLOGICAS	1
COMENTARIOS	2
ANEXO: DESEMPENHO DE BENS DE CONSUMO	13
 INDICES POR GENERO DE INDUSTRIA	
REGIÃO NORDESTE	16
PERNAMBUCO.....	17
BAHIA	18
MINAS GERAIS	19
RIO DE JANEIRO	20
SÃO PAULO	21
REGIÃO SUL	22

Notas Metodológicas

- 1 - Os indices regionais utilizam dados primários da Pesquisa Industrial Mensal (PIM). Os painéis de produtos e informantes são específicos para cada região, com exceção de Pernambuco e Bahia.
- 2 - Para a Indústria Geral e tomando-se como referência o Valor da Transformação Industrial de 1980, os produtos selecionados alcançam os seguintes níveis de cobertura: Região Nordeste, 190 produtos (58%); Pernambuco, 102 produtos (56%); Bahia, 91 produtos (52%); Minas Gerais, 158 produtos (59%); Rio de Janeiro, 261 produtos (51%); São Paulo, 493 produtos (54%) e Região Sul, 264 produtos (52%).
- 3 - Os procedimentos metodológicos dos índices regionais são idênticos aos adotados no índice - Brasil. A base de ponderação é fixa e tem como referência a estrutura do Valor da Transformação Industrial do Censo Industrial de 1980.

A fórmula de cálculo adotada é uma adaptação de Laspeyres base fixa em cadeia, com atualização de pesos.

4 - São divulgados quatro tipos de índices:

- INDICE BASE FIXA MENSAL (NUMERO-INDICE): compara a produção do mês de referência do índice com a média mensal produzida no ano base da pesquisa (1981);
- INDICE MENSAL: compara a produção do mês de referência do índice em relação a igual mês do ano anterior;
- INDICE ACUMULADO: compara a produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência do índice, em relação a igual período do ano anterior;
- INDICE ACUMULADO 12 MESES: compara a produção acumulada nos últimos 12 meses de referência do índice em relação a igual período imediatamente anterior.

OUTROS INDICES (por exemplo, MES/MES ANTERIOR) podem ser obtidos pelo usuário a partir dos índices base fixa mensal.

5 - Os índices apresentados neste documento são preliminares, estando sujeitos a retificação nos dados primários por parte dos informantes da pesquisa.

6 - A sistemática adotada para retificação de índices, é divulgar, junto com os resultados de cada mês de dezembro do ano (N), o "índice base fixa mensal" do ano (N-1), que passará então a ser definitivo.

7 - Informações mais detalhadas sobre os procedimentos metodológicos podem ser obtidas no Departamento de Indústria (DEIND) - Rua Visconde de Niterói, 1.246 BL/B - Sala 705 telefones: 254-9914 e 284-8840.

COMENTÁRIOS

Auferidos os números do desempenho da indústria a nível regional neste mês de junho, o primeiro semestre do ano se encerra revelando que, com exceção de Minas Gerais (4,3%), os demais locais assinalaram contração no parque industrial. Nordeste -8,5%, Pernambuco -18,8%, Bahia -0,5%, Rio de Janeiro -0,9%, São Paulo -5,3% e Sul -2,8%.

No entanto, pode-se perceber, tomando-se a evolução trimestral do setor (tabela 1), que o quadro geral dos resultados regionais é mais favorável nos últimos três meses. A indústria brasileira reduz seu nível de queda entre o primeiro e o segundo trimestres do corrente ano (de -5,7% para -4,0%), sendo que em termos regionais tal movimento é bem notado no desempenho de Minas Gerais (de 1,8% para 6,7%), Bahia (de -4,0% para 3,2%), Rio de Janeiro (de -2,4% para 0,6%) e Região Sul (de -6,6% para -2,9%). Os resultados a nível nacional só não foram mais favoráveis porque São Paulo, principal centro industrial do país, e Pernambuco pouco alteraram seu desempenho nestes períodos.

No resultado final do semestre, a excelente performance de Minas Gerais (4,3%) frente ao outros locais está relacionada ao impacto positivo dos setores atrelados ao mercado externo, como extrativa mineral e metalúrgica. A Bahia (-0,5%) se destaca com o segundo melhor desempenho devido à influência positiva do complexo químico, enquanto o Rio de Janeiro (-0,9%) mesmo com presença marcante de indústrias de Bens de Consumo, cujo comportamento tem sido negativo, foi influenciado positivamente pelos crescimentos verificados nos subsetor de construção naval e comunicações. Na Região Sul os resultados mais favoráveis (-3,1%), em relação à média nacional (-4,8%) devem-se a expansão dos segmentos vinculados a agropecuária.

Por outro lado, a maior queda, verificada em Pernambuco (-18,3%), tem como principal fator a produção da

cana-de-açúcar que se reflete no desempenho do subsetor álcool-açucareiro. No caso de São Paulo o fator determinante no decréscimo da produção (-5,3%) foi a retração do mercado interno.

TABELA 1
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA POR REGIÕES
Base: Igual período do ano anterior

LOCAL	PERÍODO		1987		1988	
	Jul-Set	Out-Dez	Jan-Mar	Abr-Jun	Jan-Jun	
NORDESTE	- 2,3	0,9	-11,9	- 4,3	- 8,5	
PERNAMBUCO	- 6,1	0,4	-20,1	-17,2	-18,8	
BAHIA	- 1,9	-6,7	- 4,0	3,2	- 0,5	
MINAS GERAIS ..	1,1	1,0	1,8	6,7	4,3	
RIO DE JANEIRO.	- 7,4	-5,6	- 2,4	0,6	- 0,9	
SÃO PAULO	- 6,7	-5,8	- 5,6	- 5,1	- 5,3	
SUL	- 3,3	-6,5	- 3,7	- 2,9	- 3,1	
BRASIL	- 5,4	-4,5	- 5,7	- 4,0	- 4,8	

FONTE: IBGE

Como os fatores dinâmicos que têm contribuído para sustentação do nível de atividade em alguns segmentos industriais neste ano são as exportações e o bom desempenho na safra agrícola, é possível perceber que em relação a esse último seus efeitos serão menores em Estados onde o Produto Agrícola tem baixa participação (Tabela 2). Estão neste caso as indústrias do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo que esta última tem registrado desempenho abaixo da média nacional. Um caso inverso é o da Região Sul, onde a forte integração entre agropecuária e indústria vem progressivamente se refletindo no

desempenho deste setor nos últimos meses, à medida em que se dá o processamento industrial de produtos da safra agrícola.

TABELA 2
PARTICIPAÇÃO DO PIB AGROPECUÁRIO NO
TOTAL DO PIB, SEGUNDO REGIÕES SELECIONADAS
1980

REGIÃO SELECIONADA	PARTICIPAÇÃO (%)
Região Nordeste	16,3
Minas Gerais	17,7
Rio de Janeiro	1,4
São Paulo	3,8
Região Sul	17,4
BRASIL	10,0

FONTE: IBGE.

Nesse sentido, Minas Gerais, líder no desempenho regional, conta com o duplo efeito dos fatores antes mencionados: sua expansão de 4,3% no semestre conjuga o aumento de segmentos exportadores e a presença de uma maior oferta do setor agropecuário, refletida no crescimento de produtos alimentares (13,9%) com destaque para leite em pó, carne de bovino e açúcar.

PERNAMBUCO

A indústria Pernambucana apresenta taxas de crescimento negativas para todos os indicadores pesquisados no mês de junho: acumulado (-18,8%), base fixa (-6,7%), 12 meses (-10,5%) e mensal (-3,1%).

A significativa desaceleração do ritmo de queda registrado na comparação mensal (-3,1% em junho contra -19,8% em maio) é sustentada

pelo crescimento dos setores de material plástico (24,8%), perfumaria, sabões e velas (16,8%), química (15,2%) e bebidas (6,8%), principalmente devido à performance favorável dos seguintes produtos: placas ou chapas de material plástico, sabão comum em massa, polibutadieno e cerveja, respectivamente. Porém, deve-se levar em consideração que esses gêneros estavam com um nível de produção abaixo da média dos últimos anos. Vale destacar, pela sua importância na região, o desempenho de produtos alimentares (1,2%) impulsionado pela expansão de sucos e concentrados de frutas e farinha de milho, devido a maior disponibilidade de matéria prima e ao aumento da safra agrícola, respectivamente. Isso os coloca como os principais produtos na composição da taxa do gênero, pois os itens relacionados com o micro complexo da cana-de-açúcar apresentam variação nula, devido a coincidência do período da entressafra na região, que costuma ocorrer no mês de junho.

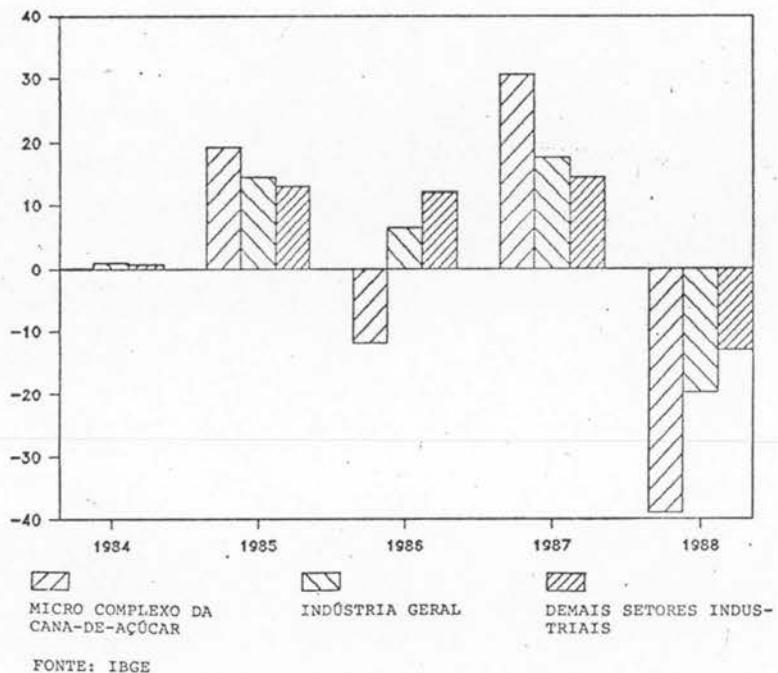
O parque industrial de Pernambuco atinge no acumulado do primeiro semestre a maior taxa negativa (-18,8%) desde 1982. Tal comportamento também ocorre no micro complexo da cana-de-açúcar (-39,0%) que vem nos últimos anos determinando o resultado global da indústria pernambucana (gráfico 1). Este movimento só não foi capaz de ditar o desempenho da indústria no primeiro semestre de 1986, pois a excelente performance dos demais setores reverteu os -12,0% verificados nos derivados da cana-de-açúcar.

Os gêneros que assinalaram no semestre as maiores quedas foram material elétrico e de comunicações (-35,2%), metalúrgica (-25,7%) e produtos alimentares (-21,2%). Em termos de impacto no Índice desta cam-se, também, as quedas verificadas em produtos alimentares, química e material elétrico e de comunicações, muito influenciados pelo desempenho dos produtos açúcar demerara e refinado, álcool anidro e hidratado e piñas secas.

O indicador acumulado nos últimos 12 meses (-10,5%) é o que melhor mensura a tendência da produção industrial de Pernambuco por estar incluído no seu período de análise a totalidade do ciclo de produção (safra/entressafra) da cana-de-açúcar. Nessa comparação o micro complexo

da cana-de-açúcar apresenta taxa negativa de -3,5% - podendo ser traduzido enquanto um indicador de desempenho da produção dos itens derivados da safra 87/88 em relação a anterior - com isso, suavizando a queda de -12,3% registrada nos demais setores, principalmente na metalúrgica (-24,7%), material elétrico e de comunicações (-25,3%) e têxtil (-12,3%) que apresentam os impactos mais significativos na composição da taxa deste indicador.

GRÁFICO 1
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO
JAN-JUN 1984-1988
(Base: igual período do ano anterior=100)



BAHIA

A indústria baiana volta a apresentar um resultado positivo no indicador mensal (3,6%) para o mês de junho, repetindo em menor escala o incremento da produção verificado em maio. Esta desaceleração da taxa de crescimento resultou do menor nível de produção em cinco dos nove gêneros pesquisados, destacando-se, dentre estes, metalúrgica (-20,9% em junho contra 3,0% em maio), borracha (8,6% em junho contra 30,3% em maio) e material elétrico e de comunicações (2,8% em junho contra 47,7% em maio).

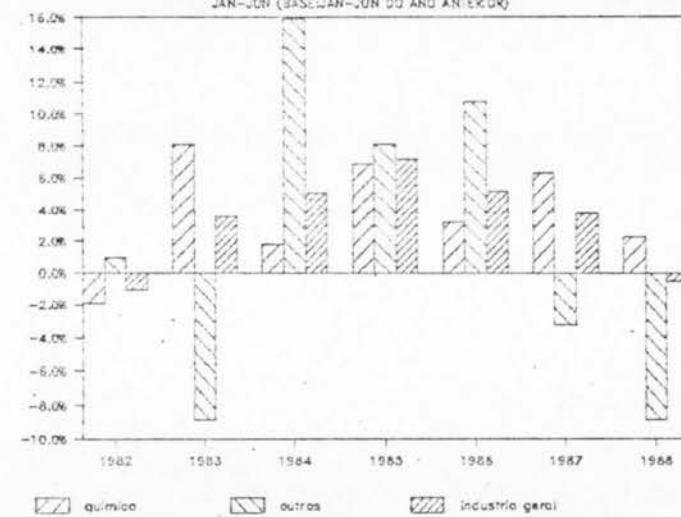
Para os gêneros normalmente mais sujeitos a variações da massa salarial ocorreram acréscimos de produção bastante significativos, entretanto, isto não guarda relação direta com a evolução do poder de compra dos salários, uma vez que produtos alimentares (32,3%) se destaca pelo aumento do processamento de manteiga de cacau e de chocolate amargo para fins industriais, como consequência da maior disponibilidade de matéria-prima e produção voltada para exportação. Além deste, perfumaria sabões e velas (17,2%) e bebidas (13,0%) também obtiveram uma boa performance no mês de junho, em função de uma base de comparação deprimida em 1987.

No indicador acumulado, nota-se uma variação negativa de apenas -0,5%, aproximando-se a indústria geral, portanto, do nível de produção obtido no primeiro semestre de 1987, o que, se não se configura numa situação muito otimista, ao menos representa o melhor resultado acumulado no ano. Para tanto, foram importantes os desempenhos de química e extrativa mineral que em relação aos primeiros seis meses do ano passado cresceram 1,7% e 0,9%, respectivamente, impulsionadas pela produção de óleo diesel e extração de petróleo em bruto, principalmente.

É bastante conhecido o grau de concentração da indústria do Estado, residindo notadamente naqueles ramos dentro dos segmentos supracitados relacionados ao petróleo. Uma

análise dos últimos sete anos (vide tabela 3 e gráfico 2), levando-se em conta o 1º semestre de cada ano, revela que, agrupando-se a indústria por complexos industriais, o micro complexo petroquímica representa em média 70% da indústria como um todo. Para o período 1984 a 1986, o desempenho do complexo química e dos demais reproduz o movimento da economia brasileira, na esteira da recuperação iniciada em 1984, culminando com o Plano Cruzado em 1986. Já em 1987, a desaceleração da produção industrial se reflete na taxa negativa para outros complexos (-3,2%), o que não implicou em decréscimo para a indústria geral (3,7%) graças à expansão da química (6,3%). O ano de 1988, por outro lado, mostra não só uma significativa retração dos demais complexos (-8,9%) - de magnitude similar a verificada na recessão de 1983 - como uma menor expansão da química (2,3%), redundando num crescimento negativo para a indústria baiana (-0,5%). Cabe ressaltar que o micro complexo petroquímico - o mais importante da indústria baiana - é o único que desde 1983 vem assinalando variações positivas no período janeiro-junho.

GRÁFICO 2 - BAHIA
DESEMPENHO DA INDUST. SEGUNDO COMPLEXOS
JAN-JUN (BASE JUN-JUN DO ANO ANTERIOR)



FONTE: IBGE

TABELA 3
BAHIA
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA SEGUNDO COMPLEXOS INDUSTRIALIS
JAN-JUN - 1982-1988

(Base: Igual período do ano anterior = 100)

COMPLEXOS INDUSTRIALIS	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988
	Indice Comp. da taxa						
Química	98,1 -1,4	108,1 6,0	101,8 1,4	106,9 5,1	103,2 2,3	106,3 4,6	102,3 1,7
Prod. Químicos Finais ...	113,5 0,2	92,1 -0,1	113,8 0,3	90,5 -0,2	121,0 0,3	89,9 -0,2	123,1 0,3
Elementos Químicos	104,7 0,1	103,9 0,1	106,0 0,1	108,5 0,2	124,2 0,5	93,6 -0,1	102,3 0,1
Petroquímica	97,6 -1,7	108,7 6,0	101,4 1,0	107,3 5,1	102,2 1,5	107,2 4,9	102,8 1,3
Outros Complexos	101,0 0,3	91,1 -2,4	115,9 3,7	108,1 2,1	110,8 2,8	96,8 -0,9	91,1 -2,2
Indústria Geral	98,9 -1,1	103,6 3,6	105,1 5,1	107,2 7,2	105,1 5,1	103,7 3,7	99,5 -0,5

FONTE: IBGE

Apesar do peso preponderante assumido no cômputo da indústria geral, o Estado vem perdendo participação na produção total do Brasil para alguns produtos como petróleo em bruto e gás natural, como pode ser visualizado na tabela 4, não só pelo aparecimento de novas regiões produtoras mas também pela relativa estagnação da produção, como é o caso do petróleo, que em 1987 atinge praticamente o mesmo nível de produção de 1980.⁽¹⁾

TABELA 4
PARTICIPAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA NA
PRODUÇÃO TOTAL DO BRASIL (%)
1981-1987

A N O	GÁS NATURAL	PETRÓLEO EM BRUTO
1981	44,6	35,0
1982	42,1	28,4
1983	38,5	22,8
1984	31,8	16,5
1985	28,7	14,4
1986	25,7	13,8
1987	24,3	14,1

FONTE: IBGE - ANUÁRIO ESTATÍSTICO.

Com relação aos derivados de petróleo, o mercado externo tem de alguma forma, servido para sustentar a utilização da capacidade produtiva face às retrações na demanda interna, chegando a absorver em 1987 20% da produção de petroquímicos da Bahia; dentre o total de derivados, a gasolina representou 45,3% do volume físico e 52,9% do valor das exportações neste ano.⁽²⁾

Entretanto, vale acrescentar que a falta de investimentos no setor petroquímico pode vir a comprometer a sustentação da produção industrial, dado o relativo esgotamento

mento da capacidade instalada do parque industrial petroquímico do Estado⁽³⁾, se não se vislumbrar uma diversificação da estrutura produtiva, juntamente com uma recuperação forte dos demais setores, o que passa, no último caso, por um incremento da massa salarial e, consequentemente, do mercado interno.

MINAS GERAIS

Com o melhor resultado a nível regional, a indústria mineira manteve em junho seu movimento ascendente, como revela a evolução dos indicadores mensal, acumulado e dos últimos doze meses. O crescimento no mês atingiu 10,1%, frente a igual mês do ano anterior, sendo esta, sua melhor marca dos últimos 19 meses.

A taxa média de crescimento no semestre (indicador acumulado) alcançou 4,3%, crescendo 1,3 ponto percentual em relação ao período até maio e a taxa anualizada consolidou sua trajetória de expansão, atingindo 2,6% neste mês.

O gráfico 3 configura claramente a tendência da indústria que inverte sua queda precisamente a partir de fevereiro deste ano, quando passa a imprimir um ritmo veloz de expansão.

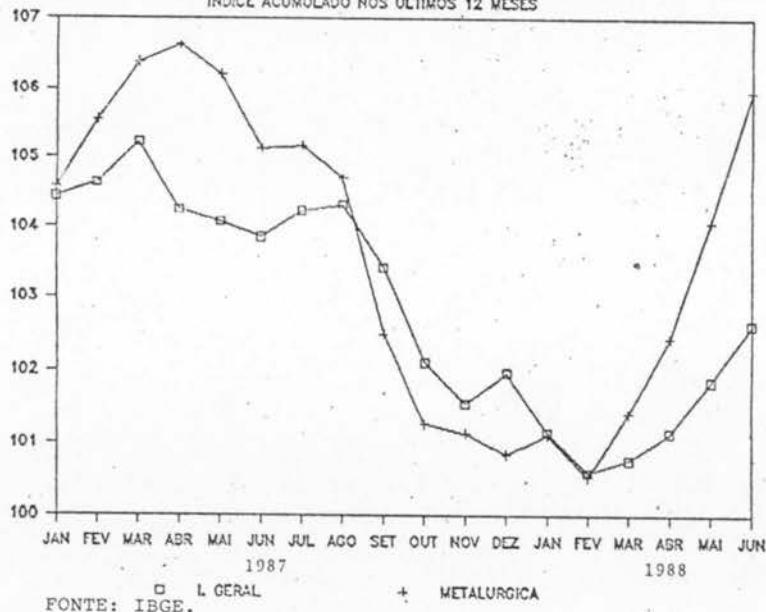
O indicador mensal a nível de gêneros industriais apresenta grandes avanços em junho, como foi o caso de minerais não metálicos, que em relação a maio (-7,6%) mostrou-se em recuperação, atingindo 2,3% o que sugere um possível aquecimento na construção civil.

(1) Veja Informe Conjuntural, CEI/SEPLANTEC, Salvador.vol.2

(2) Idem.

(3) Ibidem.

Grafico 3
INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
ÍNDICE ACUMULADO NOS ÚLTIMOS 12 MESES



FONTE: IBGE.

O setor de vestuário, que pela primeira vez no ano ostenta um resultado positivo, crescendo 4,7%, sinaliza uma melhora na taxa acumulada que passa de -22,8% em janeiro para -16,6% em junho. O segmento de bebidas assinala significativa performance em junho, com 27,5% de expansão, sendo sua maior taxa verificada no ano. O ramo metalúrgico, com 20,3% de incremento no mês, simplesmente deu continuidade a sua trajetória ascendente impulsionado pela forte demanda externa. A indústria de alimentos experimentou em junho seu maior aumento atingindo 23,7%. Este ótimo desempenho, que vem se verificando ao longo do ano, foi reforçado pela entrada da safra de cana-de-açúcar, refletindo diretamente na produção de açúcar cristal e demerara.

Outro setor que registrou expressivo acréscimo no mês foi o de papel e papelão, crescendo 35,6%, resultado do aumento da produção de celulose - com o fim de atender principalmente à demanda externa - e papelão corrugado. Somente material de transporte inverteu sua posição, voltando a registrar variação negativa (-12,3%). A perda de competitividade no mercado externo possivelmente teve influência na sua má performance.

No gráfico 3 pode-se avaliar também que a indústria geral acompanha o movimento do setor metalúrgico, em razão do seu significativo peso na estrutura produtiva do Estado.

Outros segmentos mais vinculados ao mercado interno (Ex.: material elétrico) apresentam evolução satisfatória ao longo desse semestre, como mostra a tabela 5.

TABELA 5
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA - GÊNEROS SELECIONADOS
(Base: igual período do ano anterior)

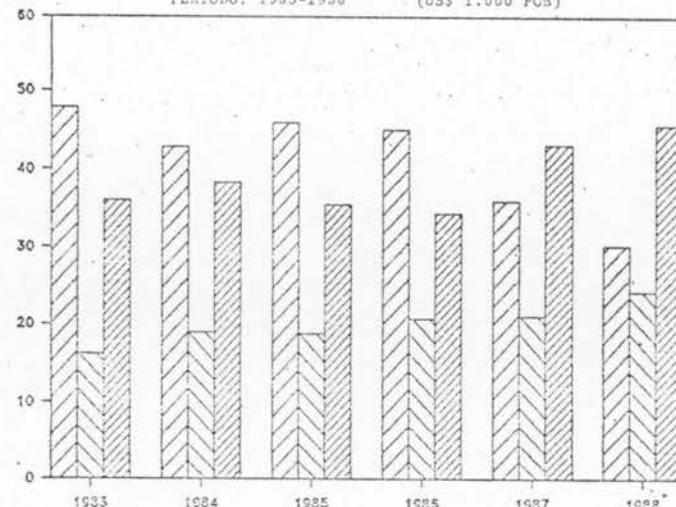
GÊNEROS INDUSTRIALIS	1988 (%)	
	JAN	JAN-JUN
MINERAIS NÃO METÁLICOS	-12,2	-3,5
MATERIAL ELÉTRICO	-15,7	6,0
QUÍMICA	-12,3	-5,3
TÊXTIL	-7,4	-5,2
VESTUÁRIO	-22,8	-16,6
PRODS.ALIMENTARES	11,3	13,9

FONTE: IBGE.

Para se ter uma idéia do papel das exportações no desenvolvimento industrial de Minas, foi construído o gráfico 4 que aponta significativa transformação no período 1983-1988 nas diferentes categorias apresentadas.

Os produtos básicos que detinham o maior volume de exportações dão lugar aos manufaturados, que a partir de 1987, aceleram sua contribuição ao setor industrial puxando o crescimento dos gêneros automobilístico e de autopeças. Num segundo plano, porém, dando sua contribuição à sustentação da boa performance da indústria, aparecem os semimanufaturados cuja evolução é mais lenta, porém ascendente.

Gráfico 4
DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES MINEIRAS
PARTICIPAÇÃO DAS DIFERENTES CATEGORIAS NO TOTAL EXPORTADO
PERÍODO: 1983-1988 (US\$ 1.000 FOB)



FONTE DE DADOS: SEPLAN-MG - INDICADORES CONJUNTURAIS - MAIO DE 1988

ELABORAÇÃO: IBGE

PERÍODO: JANEIRO-MAIO

■ PRODUTOS BÁSICOS

■ MANUFATURADOS

■ SEMIMANUFATURADOS

Em suma, pode-se concluir que a indústria mineira permanece em crescimento negando assim qualquer quadro de estagnação do Estado, devendo garantir taxas positivas até o final do ano.

RIO DE JANEIRO

A indústria fluminense registra em junho o seu melhor desempenho do ano, ao crescer 6,7% com relação a idêntico mês do ano passado. Consequentemente, os resultados acumulados também se elevaram nesse mês, com o índice janeiro-junho refletindo uma queda da produção de apenas 0,9% e o de 12 meses interrompendo a sua trajetória descendente, ao passar de uma taxa de -4,4% em maio para -3,8% em junho.

No que tange ao resultado mensal, todos os gêneros - com exceção da farmacêutica - apresentaram desempenho mais favorável frente ao do mês de maio, sendo que cinco deles passaram de taxa negativa para positiva entre esses dois meses: minerais não metálicos, perfumaria, matérias plásticas, vestuário e bebidas. Entretanto, as maiores contribuições positivas na formação do resultado global foram fornecidas por material elétrico e de comunicações, material de transporte e metalúrgica.

Esses gêneros, por sinal, vêm tendo performance positiva desde o início do ano, fato que os coloca também como responsáveis pela pequena retração da indústria geral no resultado acumulado do primeiro semestre (-0,9%). Ainda com relação a esta taxa, contribuíram com os maiores impactos negativos os gêneros têxtil, com declínio de -27,6% no período, alimentares (-12,1%) e matérias plásticas (-18,0%).

A tabela 6 apresenta os índices trimestrais da produção industrial do Rio de Janeiro nos últimos dois anos. Observa-se nesses resultados que até o primeiro trimestre de 1987 o setor ainda experimentava elevada taxa de crescimento (13,1%), destacando-se com extraordinária performance os segmentos predominantemente produtores de bens de consumo, como perfumaria, matérias plásticas, farmacêutica, bebidas e alimentares. A partir do segundo trimestre daquele ano, entretanto, a produção industrial enfrenta um forte processo de desaquecimento, com a taxa global chegando a atingir níveis além de 5% negativos nos dois últimos trimestres, sendo determinante desse comportamento os significativos decréscimos da produção de bens salários.

TABELA 6
RIO DE JANEIRO - ÍNDICES TRIMESTRAIS DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
(Base: Igual período do ano anterior)

GÊNEROS	1 9 8 7				1 9 8 8		
	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.	Junho
EXTRATIVA	98,8	97,8	98,1	103,3	105,1	92,3	93,1
MINERAIS NÃO METÁLICOS ...	118,3	106,5	95,2	86,1	88,3	99,4	105,2
METALÚRGICA	109,4	97,2	99,1	100,2	103,4	109,3	110,1
MAT. ELÉCTR. DE COMUM.	132,8	134,2	122,3	128,4	138,3	152,3	166,2
MAT. TRANSPORTE	86,7	71,9	70,6	92,2	126,3	137,9	165,9
PAPEL E PAPELÃO	109,0	102,5	88,4	79,7	80,2	79,3	80,6
QUÍMICA	111,3	102,5	91,8	91,1	102,1	103,5	111,1
FARMACÊUTICA	124,8	127,0	99,4	104,7	92,1	87,4	81,7
PERFUMARIA	142,8	135,7	86,4	114,7	92,9	96,8	109,9
MAT. PLÁSTICAS	140,4	98,5	66,3	80,7	71,6	94,4	117,1
TÉXTIL	114,5	114,3	94,2	86,9	74,4	70,5	73,7
VESTUÁRIO	106,5	97,8	82,2	82,1	84,3	91,4	103,6
PROD.ALIMENTARES	122,5	110,5	95,0	87,9	88,3	87,5	95,5
BEBIDAS	124,6	89,8	86,7	87,7	97,8	103,4	123,1
FUMO	110,4	92,9	87,9	87,7	94,2	82,8	99,0
IND. GERAL	113,1	103,2	92,6	94,4	97,6	100,6	106,7

FONTE: IBGE

Os resultados observados nos dois primeiros trimestres do ano em curso, todavia, apontam para uma trajetória de recuperação da atividade industrial no Estado, a ponto de o setor registrar não só desempenho médio positivo no período abril-junho (0,6%) como também alcançando expressiva taxa de crescimento em junho (6,7%). Isto em razão, essencialmente, do comportamento bastante favorável de material de transporte e de material elétrico e de comunicações, que no Estado são basicamente produtores de bens de capital e, ainda, a metalúrgica que além da forte interação com esses dois segmentos teve a seu favor o bom desempenho das suas exportações.

O aumento do nível de atividade este ano na construção naval e a execução do Plano de Expansão do setor de telefonia justificam o bom desempenho, respectivamente, de material de transporte e de material elétrico, embora no caso de material de transporte, as elevadas taxas estejam, até certo ponto, influenciadas por uma base de comparação caracterizada por níveis retraídos de produção.

No que se refere à categoria dos Bens de Consumo, que no Estado se restringe quase que somente aos Não Duráveis, a mesma continua os tentando baixa performance nesses dois primeiros trimestres de 1988, com resultados inclusive levemente inferiores aos obtidos no segundo semestre ao ano passado (Vide Quadro abaixo), apesar da significativa expansão em alguns de seus segmentos no mês de junho.

RIO DE JANEIRO - DESEMPENHO TRIMESTRAL DOS BENS DE CONSUMO NÃO DURÁVEIS	
1987	
1º Trimestre	122,2
2º Trimestre	107,8
3º Trimestre	89,3
4º Trimestre	90,4
1988	
1º Trimestre	87,6
2º Trimestre	88,8

A taxa acumulada dos Bens não Duráveis para o primeiro semestre do ano alcançou -11,8%, o que corresponde a quase o dobro do declínio da categoria verificado a nível nacional que foi de -6,1%. Os maiores impactos na sua determinação, como mostra a Tabela 7, situaram-se em artigos do vestuário (-18,3%), Produtos Farmacêuticos (-10,1%), artigos de plásticos (-29,5%) e alimentos de origem animal (-15,2%). Com crescimento, apresentam-se apenas os itens alimentos de origem vegetal (8,8%), combustíveis (3,9%) e bebidas (0,2%).

Em junho, com relação a igual mês do ano anterior, a categoria registrou queda no Estado de -6,5%, enquanto a nível de Brasil cresceu 3,4%. Destacam-se com resultado positivo apenas bebidas (23,1%), ainda alimentos de origem vegetal (30,3%) e, dentro de artigos de vestuário, calçados (36,4%).

Alguns fatores podem ser enumerados como possíveis causas da retração relativamente mais profunda na produção dos Bens de Consumo Não Durável no Rio de Janeiro: política salarial mais restritiva este ano pa-

ra o Funcionalismo Público que tem significativo peso no Estado (a participação das Administrações Públicas no PIB é no Rio de Janeiro 9,6% contra 4,1% em São Paulo e 5,1% em Minas Gerais⁽¹⁾), baixo grau de abertura externa da sua indústria, em especial para esse conjunto de bens; e finalmente, a fraca base agrícola do Estado, cujo maior exemplo é a sua pouca participação na formação do Produto Interno Bruto local que não passa dos 1,5% contra 17,7% em Minas Gerais, 17,4% na Região Sul e 16,3% no Nordeste, por exemplo (Vide Tabela 2) segundo dados das Contas Nacionais referentes a 1980. Nesse sentido, mesmo no caso de um bom desempenho da agricultura fluminense, pequena influência esta vai exercer na atividade Industrial - tanto pelo lado da geração de renda como no fornecimento de matérias-primas - dada a sua baixa representatividade.

TABELA 7
RIO DE JANEIRO
COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DE BENS DE CONSUMO

CATEGORIA DE USO	ACUMULADO (JAN-JUN)		MENSAL (JUN)	
	Índice	Composição	Índice	Composição
BENS DE CONSUMO	88,2	-	93,7	-
CONSUMO DURÁVEL	95,9	- 4,1	143,5	43,5
CONSUMO R.DURÁVEL ...	88,2	-11,8	93,5	- 6,5
ALIMENTOS DE ORIGEM VEGETAL	108,8	0,1	130,3	0,4
ALIMENTOS DE ORIGEM ANIMAL	84,8	- 1,7	89,2	- 1,1
SAL, CONDIMENTOS E OUTROS	94,2	- 0,2	97,6	- 0,1
PRODS. DE LIMPEZA E HIGIENE	96,6	- 0,3	103,6	0,3
ARTIGOS DE PLÁSTICOS	70,5	- 1,7	104,6	0,2
BEBIDAS	100,2	0,0	123,1	1,0
COMBUSTIVEL	103,9	0,3	96,7	- 0,3
CIGARROS	88,4	- 0,7	99,0	- 0,1
ART. DE VESTUÁRIO ...	81,7	- 5,2	93,1	- 2,0
CALÇADOS	97,3	0,0	136,4	0,2
CONFECÇÕES E TECELA GEM	81,8	- 4,9	91,6	- 2,3
OUTROS	73,3	- 0,3	116,6	0,1
PRODS.FARMACÊUTICOS ..	89,9	- 2,0	81,7	- 4,6
OUTROS DE CONS.R.DURÁVEL	72,8	- 0,4	72,1	- 0,2

FONTE: IBGE

(1) Segundo IBGE- Contas Nacionais.

SÃO PAULO

Os indicadores conjunturais da indústria para São Paulo assinalam esse mês os melhores resultados do ano, com crescimento no indicador mensal (1,9%), desaceleração da queda no acumulado (-5,3% contra -6,9% em maio) e estabilização a taxa do acumulado 12 meses (-5,8%). Esse desempenho mais favorável é produto da expansão das exportações e do início do processamento da safra de cana-de-açúcar do Estado.

Em junho, segundo o indicador mensal, dez gêneros registram acréscimos de produção, contra apenas três em maio. As maiores taxas verificaram-se nos setores mais articulados com a agricultura - bebidas (23,1%) também influenciado por uma base de comparação deprimida, produtos alimentares (21,0%), bem acima dos 0,8% de maio e fumo (9,1%) - ou com significativas vendas ao mercado externo - material de transporte (15,1%, o maior incremento desde julho de 1986), e borracha (8,4%). Cabe assinalar que alguns segmentos voltados essencialmente para o mercado interno também apresentaram variações positivas, tais como perfumaria, sabões e velas (3,1%) e minerais não metálicos (1,7%).

O indicador acumulado aponta em junho o menor decréscimo do ano (-5,3%), onde apenas material de transporte (7,1%) e borracha (2,5%) atingem resultados positivos. As maiores mudanças, em relação a maio, verificaram-se em produtos alimentares (-4,3%) e bebidas (-0,3%) que no mês anterior assinalaram diminuições de -11,9% e -4,2%, respectivamente. As maiores contrações ocorreram nos setores mais voltados para o mercado interno: farmacêutico (-17,1%) e produtos de matérias plásticas (16,8%).

Analizando-se a performance da indústria nos dois últimos trimestres em relação a igual período do ano anterior, por categoria de uso (Tabela 8), nota-se que apesar do desempenho para indústria geral ser similar, com reduções em torno de -5,5%, há mudanças significativas de um período para outro. Bens de Capital passa de um crescimento de 5,2% para uma queda de -3,3%, enquanto Bens de Consumo diminui sua retração de -9,8% para -5,2%, destacando-se o desempenho de Duráveis, com 2,2% de aumento no segundo trimestre e 12,5% na comparação junho 1988/junho

1987. Novamente são as exportações, especialmente do ramo automobilístico e a agroindústria, muito influenciada pela boa safra da cana-de-açúcar, os responsáveis pela melhor performance de Bens de Consumo. No conjunto do semestre a retração na indústria paulista foi determinada basicamente por Bens Intermediários (-5,9%) que contribui com 3,2 pontos percentuais no decréscimo de -5,3%. Esse movimento reflete a menor produção para mercado interno em gêneros como metalúrgica e mecânica.

A comparação anualizada repete em junho a variação de maio (-5,8%). Quase todos os segmentos assinalam diminuições na produção, mas o impacto positivo das vendas externas e da agricultura se faz sentir em borracha (0,1%) e produtos alimentares (0,4%).

TABELA 8
SÃO PAULO

DESEMPENHO DA INDÚSTRIA POR CATEGORIA DE USO

JANEIRO-JUNHO 1988

(BASE: IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR=100)

CATEGORIAS DE USO	MENSAL			ACUMULADO	
	jan.-mar.	abr.-jun.	jun.	jan.-jun.	Composição da taxa
Bens de Capital.....	105,2	96,7	99,3	100,8	0,1
Bens Intermediários ...	93,3	94,7	101,1	94,1	-3,2
Bens de Consumo.....	90,2	94,8	106,9	92,6	-2,2
Bens de Consumo Durável	97,0	102,2	112,5	99,7	0,0
Bens de Consumo não Durável	88,5	92,9	105,5	90,8	-2,2
Indústria Geral	94,3	94,8	101,9	94,7	-5,3

PONTE: IBGE.

REGIÃO SUL

Os indicadores da produção industrial do mês de junho apontam desaceleração da queda na comparação mensal (-1,4%) e acumulada (-3,1%) e estabilidade no resultado do acumulado

12 meses (-4,0%). Essa melhora em relação a maio deve-se, principalmente, ao bom desempenho dos segmentos ligados à agricultura.

O indicador mensal passa de uma retração de -4,1% em maio para apenas -1,1% em junho, a menor dos últimos doze meses com oito gêneros assinalando crescimento, contra seis no mês anterior. Dentre estes, destacam-se pelo seu impacto positivo no índice global: bebidas, química e produtos alimentares, todos com fortes vinculações à agropecuária. O primeiro desses (Bebidas) registra a taxa de 53,8% - a maior de toda a série - que supera, de muito, o expressivo aumento de maio (23,7%). Com esse resultado atinge-se um nível de produção (180,4) só superado pelo de maio de 1986 (181,8). Essa performance pode ser explicada tanto pela base de comparação deprimida quanto pelo bom desempenho que esse setor vem tendo nos últimos dois meses, em especial na indústria vinícola estimuladas por uma safra de uva mais favorável - e cerveja. O incremento da química (5,3%) deve-se sobretudo ao comportamento de fertilizantes compostos NPK, que com uma expansão de 51,3%, responde por 4,3 pontos percentuais da taxa do gênero. Produtos alimentares aponta um acréscimo de 1,9% e têm como principais responsáveis: aves abatidas (15,7%), açúcar cristal (79,6%) e óleo de soja refinado (34,2%). Esses índices favoráveis, no entanto, não foram suficientes para compensar as diminuições na maioria dos setores industriais, em especial da mecânica (-17,2%) e metalúrgica (-10,7%).

Desde março, a queda na comparação acumulada está oscilante na faixa dos -3,5%, sendo que a taxa de junho (-3,1%) é a menor desse período. Este mês seis gêneros mostraram variações positivas contra quatro no mês anterior, a maioria com grandes articulações com a agropecuária, como é o caso de bebidas (9,8%), fumo (4,6%), produtos alimentares (4,5%) e química (0,5%). As maiores contrações no semestre verificaram-se na mecânica (-14,3%), produtos de matérias plásticas (-8,3%) e metalúrgica (-8,3%).

Ainda na comparação acumulada, em termos de categoria de uso, nota-se que o desempenho da indústria foi bastante diferenciado, variando de -22,8% em Bens de Consumo Durável a 0,5% em Bens de Consumo não Durável, ficando Bens Intermediários (-0,9%) e Bens de Capital (-12,3%) entre esses dois extremos. Na produção de insumos e, principalmente, na de Bens Finais de Consumo, a performance dos segmentos com maiores ligações com a agropecuária situa-se acima da média, contribuindo, assim, para amortecer a queda desses setores. No entanto, o mesmo não ocorre em Bens de Capital, onde os bens de produção para agricultura atingem um decréscimo de 26,9% bem abaixo do desempenho médio das demais indústrias dessa categoria (-6,8%). Esses resultados sugerem que as boas perspectivas quanto à evolução da agricultura não têm sido suficientes para levar os empresários desse setor a aumentar sua capacidade produtiva. Vale ressaltar que as máquinas e implementos agrícolas têm tido elevação de preço bem acima da média da indústria, segundo os dados do IPA-OG. (FGV).

O indicador acumulado nos 12 meses confirma em junho seu movimento descendente, iniciado em abril do ano passado, atingindo uma queda de -4,0%, a pior marca desde outubro do ano de 1983. Somente três gêneros assinalam variações positivas - fumo (3,6%), produtos alimentares (2,8%) e extrativa mineral (2,0%) - todos com crescimento inferior ao verificado em maio.

TABELA 9
REGIÃO SUL

DESEMPENHO DA INDÚSTRIA POR CATEGORIA DE USO

JANEIRO-JUNHO 1988

(Base: Igual período do ano anterior=100)

CATEGORIAS DE USO	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
BENS DE CAPITAL	87,7	-1,6
PARA AGRICULTURA	73,1	-1,0
PARA OUTROS SETORES	93,2	-0,6
BENS INTERMEDIÁRIOS	99,1	-0,6
VINCULADOS À AGROPECUÁRIA ...	100,0	0,0
VINCULADOS À OUTROS SETORES..	98,6	-0,6
BENS DE CONSUMO	98,3	-0,9
BENS DE CONS.DURÁVEL	77,2	1,1
BENS DE CONS.N. DURÁVEL	100,5	-0,2
VINCULADOS À AGROPECUÁRIA..	108,9	1,4
VINCULADOS À OUTROS SETORES	95,2	-1,2
INDÚSTRIA GERAL	96,9	-3,1

FONTE: IBGE

ANEXO:

DESEMPENHO DOS BENS DE CONSUMO NO SEMESTRE

Embora tendo acumulado a maior queda dentre as categorias de uso (-6,2%) no primeiro semestre relativamente a igual período de 1987, os resultados para o último mês de junho em Bens de Consumo são os que assinalam os avanços mais significativos, em relação a junho do ano anterior.

A comparação com igual mês de 1987, que entre janeiro e maio havia caído 8,0% em média, alcança 3,3% de crescimento em junho, levando a uma redução de 2 pontos percentuais na intensidade da queda da categoria no indicador acumulado em apenas um mês. Vale frisar que mesmo observado nas subcategorias, de Duráveis e Não Duráveis, esse movimento é mais intenso nesta última.

A tabela 1 detalha a produção de Bens de Consumo por grupos relevantes de produtos.

Bens de Consumo Durável

Nesta categoria os três grupamentos têm por base o preço médio unitário dos bens. Assim, Duráveis Grupo 1 é integrado pelos itens automóveis e motocicletas; os eletroeletrônicos e eletrodomésticos de preços mais elevados formam os Duráveis Grupo 2 (TV, rádio, som, refrigerador, máquinas de lavar, etc.). Finalmente, nos Duráveis Grupo 3 encontram-se os produtos domésticos de preços mais baixos (ventiladores, ferros, liquidificadores, etc.). Procura-se com essa categorização associar movimentos de produção com faixas de preços dos produtos de cada grupo, numa situação de elevadas taxas de inflação.

Para o resultado final do primeiro semestre em Bens de Consumo Durável (-6,3%) foi essencial o desempenho do Grupo 1. Ao crescer 7,9%, a produção de "automóveis e motocicletas" compensa as retrações superiores a 12% apresentadas pelos dois outros grupamentos. As exportações de automóveis, conjugadas a um reaquecimento relativo das vendas internas

baseado em promoções (condições especiais de pagamento), explicam esta boa performance.

Nos demais segmentos a queda foi mais acentuada no Grupo 2 (-13,6%), com produtos de valor médio mais elevado que os do Grupo 3 e que, portanto, devem ser mais sensíveis à contração da demanda numa conjuntura de elevados índices inflacionários. Essa retração seria maior (-14,8%) não fosse o desempenho positivo de máquinas de costura (9,0%), o único produto no Grupo 2 com crescimento no semestre, o que sugere uma possível expansão do mercado informal de confecção.

Já em junho, nota-se uma alteração no perfil de crescimento da categoria. A produção do Grupo 1 mantém-se em elevação, mas a um ritmo menor que o dos meses anteriores (5,4%). Por sua vez os demais produtos, especialmente os mais baratos (Duráveis Grupo 3), experimentam recuperação expressiva (12,0%), a ponto deste último grupamento representar o maior impacto na taxa global de Duráveis este mês. Nos eletroeletrônicos e eletrodomésticos do Grupo 2, junho é bastante superior à média do semestre, embora ainda assinale queda (-1,7% em junho e -13,6% no semestre). É provável que a melhora destes dois grupamentos reflita um movimento de acumulação de estoques na indústria, já que as vendas no varejo têm-se efetivado basicamente a partir de sistemáticas liquidações. A evolução dos preços industriais, especialmente dos setores de duráveis bastante acima da média dos preços no varejo, parece confirmar essa hipótese (Tabela 2).

TABELA 1
DESEMPENHO DOS BENS DE CONSUMO
JANEIRO-JUNHO-1988
(BASE: IGUAL PÉRIODO DO ANO ANTERIOR=100)

CATEGORIA DE USO	ACUMULADO		MENSAL	
	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO
BENS DE CONSUMO	93,8	-6,2	103,3	3,3
CONSUMO DURÁVEL (*)	93,7	-6,3	103,3	3,3
GRUPO 1	107,9	2,6	105,4	1,9
GRUPO 2	86,4	-6,3	98,3	-0,8
GRUPO 3	87,3	-2,6	112,0	2,2
CONSUMO NÃO DURÁVEL	93,9	-6,1	103,4	3,4
ALIMENTOS DE ORIGEM VEGETAL	106,2	0,4	111,6	0,7
ALIMENTOS DE ORIGEM ANIMAL	109,8	1,0	107,7	0,8
SAL, CONDIMENTOS, E OUTROS	89,7	-0,4	112,6	0,4
PRODS. DE LIMPEZA E HIGIENE	97,8	-0,1	99,1	-0,1
ARTIGOS DE PLÁSTICOS	74,6	-0,4	86,3	-0,2
BEBIDAS-INCL.SUCOS..	93,1	-0,5	130,6	2,1
COMBUSTÍVEIS	94,7	-0,6	108,5	1,4
CIGARROS	94,8	-0,2	99,5	0,0
ART.DO VESTUÁRIO ...	89,4	-3,8	99,1	-0,3
CALÇADOS	92,9	-0,5	107,1	0,5
CONFEC.E TECELAGEM	88,6	-3,0	98,3	-0,4
CAMA E MESA	84,4	-0,3	81,2	-0,4
OUTROS	105,1	0,0	104,5	0,0
PRODS.FARMACÊUTICOS .	88,0	-1,1	89,2	-1,0
OUTROS CONS.NÃO DURÁVEL	73,8	-0,4	71,4	-0,4

FONTE: IBGE

(*) Vide no texto a explicação sobre a classificação dos Bens de Consumo Durável em grupamentos.

TABELA 2
EVOLUÇÃO DA INFLAÇÃO E DOS ÍNDICES DE PREÇOS INDUSTRIAIS
1º SEMESTRE DE 1988

CATEGORIAS	ÍNDICE DE PREÇOS	1º sem. 88		Junho 88	
		1º sem. 87	IPC=100	Junho 87	IPC=100
Eletrodomésticos (col. 39 FGV)		621,2	133,8	623,2	142,9
Produtos Industriais (col. 27 FGV)		571,9	123,2	519,9	119,2
IPC		464,2	100,0	436,1	100,0

FONTES:FGV e IBGE.

Bens de Consumo Não Durável

Nesta categoria constata-se claramente que a melhora no desempenho dos Não Duráveis nos resultados de junho (3,4%) está estreitamente associada aos grupamentos de bens de consumo imediato (alimentos, bebidas e fumo). Os subsetos cujos produtos têm menor essencialidade, vale dizer, maior elasticidade-preço, ex.: "Produtos de Limpeza e Higiene", e "Produtos de Cama e Mesa") permanecem neste mês com os níveis observados para o 1º semestre, sendo que neste último a queda supera os 15%. A produção de medicamentos ("Produtos Farmacêuticos") também demonstra redução significativa - em torno de 12% - nos dois indicadores. A evolução dos preços do setor, bem acima da média industrial (569,6% no semestre contra 471,9% da indústria geral) certamente tem levado a uma redução na demanda.

Tanto no indicador acumulado (-6,1%) como no mensal (3,4%), os resultados para junho apresentam como destaque os subsetores "Alimentos de origem vegetal" (6,2% e 11,6% de crescimento, respectivamente) e "Alimentos de origem animal" (9,8% e 7,7%). No primeiro grupamento destaca-se o desempenho de "óleos e gorduras" puxado por óleo de soja, cuja produção se elevou em 15,8% no semestre. O incremento de 53,3% em carne de bovino congelada nesses primeiros seis meses, devido às exportações, é o principal destaque no grupo dos "Alimentos de origem animal".

E a partir de junho que aos dois grupamentos anteriores mencionados agregam-se vários outros, como bebidas (inclusive sucos) com 30,6% de expansão; combustíveis (8,5%) e calçados (7,1%). A recuperação mais generalizada em junho fica evidente pelo fato de que enquanto no 1º semestre, dos 15 grupos e subgrupos de produtos que compõem os Não Duráveis, apenas três apresentam taxas positivas, na comparação jun 88/jun 87 esse número chega a sete, praticamente a meta de do total de grupamentos.

Um balanço final do detalhamento de Bens de Consumo a partir dos dados da tabela 1 revela principalmente os seguintes pontos:

- para grande maioria dos grupos os resultados de junho melhoraram o desempenho observado nos primeiros cinco meses do ano.

- em bens duráveis é provável que as indústrias estejam operando com estoques acima do normal, dado não só as estratégias recentes do comércio como também à própria diferença entre os resultados da produção e vendas no comércio (em especial de eletrodomésticos). Nessa hipótese a produção se daria aos "pulos" sinalizando falsamente uma recuperação neste mês.

-em Não Duráveis é ainda mais presente nos últimos resultados a influência dos dois fatores dinâmicos neste ano (exportações e safra agrícola).

-nos produtos de origem vegetal (em especial óleo de soja) a média de crescimento chega a atingir os 11% na comparação jun 88/jun 87, enquanto que as exportações de carne sustentam o incremento de 9,8% observado em "alimentos de origem animal" no primeiro semestre.

-A produção de "combustíveis" (de -5,3% em janeiro-junho para 8,5% em junho 88/junho 87), longe de refletir um aumento no consumo das famílias, pode ser consequência da elevação na produção de óleo diesel (dado o escoamento da safra agrícola) que devido à relação técnica no refino gera uma elevação dos demais subprodutos do petróleo (como exemplo, a gasolina que cresceu 12,6%).

-Em resumo, mesmo que os resultados de junho sejam até agora os melhores do ano e que os Bens de Consumo tenham assumido importância nesse movimento, é prematuro concluir que o consumo interno estaria mostrando sinais de recuperação. E isto porque, no caso de Não Duráveis, os grupos que ostentam o melhor desempenho são justamente aqueles influenciados pelo aumento da oferta agrícola e/ou pelo crescimento das vendas externas. Para os Duráveis, a elevação do ritmo de atividade não é ainda confirmado pelas estatísticas de comércio.



PONDERAÇÃO CI-80

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - REGIÃO NORDESTE

1988

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	ABR	MAI	JUN	ABR	MAI	JUN	JAN-ABR	JAN-MAI	JAN-JUN	ATE ABR	ATE MAI	ATE JUN
INDUSTRIA GERAL	99,91	103,30	105,05	88,27	97,25	102,31	88,14	89,71	91,51	95,91	95,45	95,62
EXTRATIVA MINERAL	144,86	149,04	145,17	102,82	105,43	103,71	102,40	103,01	103,12	101,97	102,42	102,66
IND.TRANSFORMAÇÃO	93,69	96,97	99,50	85,68	95,67	102,03	85,90	87,54	89,56	94,94	94,33	94,49
MIN.NÃO METALICOS	90,54	87,13	88,28	102,87	94,24	99,15	93,31	93,48	94,35	91,54	91,16	91,21
METALURGICA	124,95	123,82	118,98	94,90	89,10	88,54	82,64	83,84	84,56	85,79	84,62	83,84
MAT.ELETTRICO E COM	113,05	98,59	113,08	69,08	69,86	71,72	82,92	80,57	79,08	90,20	88,68	84,88
PAPEL E PAPELÃO	105,81	114,09	107,28	80,56	86,77	88,02	87,81	87,59	87,66	97,98	94,70	93,06
BORRACHA	118,81	140,93	133,18	94,18	113,73	101,80	100,92	103,52	103,22	98,36	99,13	98,41
QUIMICA	106,29	115,76	111,07	84,33	106,46	105,58	86,69	89,89	92,02	99,13	99,17	99,52
PERF.SABÕES,VELAS	94,63	111,83	109,12	74,82	87,38	112,92	105,66	101,78	103,32	103,67	101,86	103,93
PROD.MAT.PLASTICAS	106,24	99,38	104,70	94,44	89,84	103,35	85,74	86,49	88,91	84,81	83,19	82,96
TEXTIL	82,34	86,77	94,78	92,81	96,26	113,20	89,49	90,81	94,24	91,85	91,59	92,62
VEST,CALÇ,ART.TEC.	115,06	110,64	120,62	90,10	90,04	96,33	92,74	92,19	92,90	95,36	93,62	92,60
PROD.ALIMENTARES	59,06	61,67	72,11	72,32	88,81	109,98	77,10	78,57	81,89	96,82	95,94	97,03
BEBIDAS	85,24	86,34	91,61	87,53	85,10	107,20	91,55	90,44	92,57	89,12	88,16	89,25
FUMO	107,10	101,51	105,68	81,80	86,46	97,70	92,56	91,44	92,35	93,02	92,85	93,29

IBGE

03/08/88 PAG 16

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	ABR	MAI	JUN	ABR	MAI	JUN	JAN-ABR	JAN-MAI	JAN-JUN	ATE ABR	ATE MAI	ATE JUN
INDUSTRIA GERAL	92,12	90,62	93,34	74,20	80,24	96,88	78,66	78,93	81,17	92,09	89,96	89,54
IND.TRANSFORMAÇÃO	92,12	90,62	93,34	74,20	80,24	96,88	78,66	78,93	81,17	92,09	89,96	89,54
MIN.NÃO METALICOS	93,98	88,77	87,44	97,38	89,78	95,89	94,84	93,89	94,18	93,27	92,36	91,53
METALURGICA	120,76	109,33	117,31	75,16	82,07	96,13	68,83	71,02	74,33	77,04	75,47	75,31
MAT.ELETTRICO E COM	97,72	64,11	80,50	54,91	40,61	53,65	73,31	66,85	64,76	86,50	79,96	74,68
PAPEL E PAPELÃO	101,78	104,76	99,17	71,28	78,32	78,61	79,06	78,91	78,87	87,48	84,44	83,04
QUIMICA	136,56	139,18	142,53	67,01	84,92	115,19	74,33	75,90	79,85	96,37	94,49	95,22
PERF.SABÕES,VELAS	73,54	98,57	98,37	54,35	74,00	116,76	90,47	86,72	90,50	95,05	92,69	96,48
PROD.MAT.PLASTICAS	100,51	98,49	95,88	98,25	99,42	124,75	86,99	89,15	93,38	77,78	77,09	78,80
TEXTIL	80,66	88,37	84,31	82,16	88,54	93,96	85,16	85,84	87,10	90,32	88,63	87,72
PROD.ALIMENTARES	61,83	65,18	68,92	71,33	78,89	101,22	75,59	76,06	78,75	101,18	98,77	98,33
BEBIDAS	71,07	70,09	78,23	78,20	78,25	106,77	88,68	86,92	89,33	87,17	86,17	87,19
FUMO	116,43	110,03	115,83	86,38	91,74	104,56	98,20	97,01	98,11	98,10	98,63	99,42

IBGE

03/08/88 PAG 17

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	ABR	MAI	JUN	ABR	MAI	JUN	JAN-ABR	JAN-MAI	JAN-JUN	ATE ABR	ATE MAI	ATE JUN
INDUSTRIA GERAL	113,36	121,97	121,99	99,88	106,16	103,61	96,90	98,65	99,46	96,92	97,06	97,49
EXTRATIVA MINERAL	111,24	114,31	110,64	100,53	104,55	101,62	99,83	100,77	100,91	99,09	99,61	100,02
IND.TRANSFORMAÇÃO	113,72	123,27	123,91	99,77	106,42	103,92	96,46	98,33	99,24	96,60	96,68	97,12
MIN.NÃO METALICOS	81,11	76,58	88,32	77,95	78,48	109,77	70,10	71,53	76,26	71,86	70,41	71,67
METALURGICA	106,57	111,42	93,12	143,55	103,00	79,08	94,64	96,22	93,30	83,71	35,06	83,94
MAT.ELETTRICO E COM	164,79	183,01	177,33	104,76	147,73	102,75	99,76	107,15	106,37	98,40	104,14	103,28
BORRACHA	151,75	195,58	177,31	101,23	130,26	108,55	113,48	117,08	115,47	103,84	106,00	105,62
QUIMICA	123,05	134,05	128,76	98,93	106,84	102,49	100,27	101,58	101,73	102,00	101,62	101,57
PERF.SABÕES,VELAS	106,94	116,83	122,26	79,23	87,72	117,15	97,02	95,29	98,07	96,27	95,38	97,72
PROD.ALIMENTARES	67,38	75,40	120,51	94,59	113,52	132,29	85,28	88,85	95,26	85,15	85,85	89,82
BEBIDAS	121,58	130,05	132,13	103,99	98,20	112,98	98,69	98,60	100,55	93,48	93,44	95,11

PONDERAÇÃO CI-80

1988

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	ABR	MAI	JUN	ABR	MAI	JUN	JAN-ABR	JAN-MAI	JAN-JUN	ATE ABR	ATE MAI	ATE JUN
INDUSTRIA GERAL	117,79	126,09	142,32	102,64	107,05	110,09	102,03	103,03	104,30	101,13	101,84	102,62
EXTRATIVA MINERAL	113,73	117,94	117,89	113,44	106,80	110,72	110,51	109,72	109,89	100,99	102,32	104,50
IND.TRANSFORMAÇÃO	118,13	126,77	144,36	101,86	107,07	110,05	101,42	102,54	103,89	101,14	101,80	102,49
MIN.NÃO METALICOS	101,21	99,37	104,61	98,61	92,43	102,25	96,14	95,39	96,50	95,88	95,03	95,60
METALURGICA	133,45	138,83	138,51	114,14	116,32	120,34	110,92	111,96	113,28	102,44	104,07	105,96
MAT ELETTRICO E COM	173,34	126,32	141,39	129,56	96,44	117,47	105,81	103,95	106,03	94,82	96,42	96,79
MAT. TRANSPORTE	145,91	159,45	175,81	94,79	101,06	87,69	100,03	100,25	97,58	114,95	115,47	111,16
PAPEL E PAPELÃO	170,92	178,07	168,64	107,73	143,57	135,62	100,73	107,61	111,50	99,58	101,00	105,52
QUIMICA	107,59	154,31	181,31	82,14	111,28	104,08	87,71	92,35	94,67	94,93	96,26	96,33
PROD.MAT.PLASTICAS	122,49	109,31	109,25	66,93	66,83	63,60	70,71	69,96	68,89	83,11	80,75	76,83
TEXTIL	109,66	115,06	118,57	92,82	93,67	97,86	94,29	94,16	94,79	98,35	97,81	97,66
VEST,CALÇ,ART.TEC.	75,60	86,21	84,75	80,75	95,27	104,74	76,05	79,73	83,38	80,55	80,16	81,23
PROD.ALIMENTARES	78,04	91,42	182,96	106,82	114,12	123,68	109,04	110,12	113,93	111,55	111,62	112,52
BEBIDAS	125,96	128,24	119,38	97,24	97,62	127,45	100,55	100,00	103,25	99,46	98,65	101,69
FUMO	139,44	132,82	138,44	83,24	85,48	95,78	103,05	99,61	99,02	103,94	102,38	103,52



INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - RIO DE JANEIRO

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	ABR	MAI	JUN	ABR	MAI	JUN	JAN-ABR	JAN-MAI	JAN-JUN	ATE ABR	ATE MAI	ATE JUN
INDUSTRIA GERAL	109,76	108,72	119,66	98,45	96,55	106,67	97,82	97,57	99,08	96,05	95,63	96,16
EXTRATIVA MINERAL	529,09	455,88	484,13	101,30	83,10	93,11	104,15	99,83	98,74	101,59	100,03	99,71
IND.TRANSFORMAÇÃO	101,53	101,91	112,51	98,16	97,94	108,00	97,20	97,34	99,11	95,53	95,21	95,82
MIN.NÃO METALICOS	98,13	88,27	92,05	101,27	91,32	106,19	91,57	91,52	93,75	92,48	91,50	92,05
METALURGICA	137,67	137,82	144,92	113,04	104,90	110,11	105,66	105,51	106,28	101,06	101,90	102,84
MAT.ELETTRICO E COM	135,08	128,69	151,71	145,14	145,57	166,22	140,06	141,14	145,37	131,76	132,61	135,66
MAT. TRANSPORTE	48,22	44,40	55,00	128,88	121,78	165,85	126,94	125,92	131,99	91,27	94,87	101,90
PAPEL E PAPELÃO	81,61	80,31	89,10	79,87	77,50	80,57	80,09	79,57	79,75	86,03	84,24	81,91
QUIMICA	111,43	118,72	122,01	96,60	103,11	111,11	100,69	101,17	102,76	95,50	95,71	96,74
FARMACEUTICA	119,58	126,56	143,06	86,74	95,69	81,74	90,70	91,70	89,60	101,43	100,56	95,71
PERF.SABÕES,VELAS	147,38	151,20	163,40	93,78	88,09	109,91	93,11	92,05	94,81	100,86	97,14	97,28
PROD.MAT.PLASTICAS	138,95	134,18	149,74	84,57	86,13	117,13	74,65	76,76	82,04	76,26	75,15	77,57
TEXTIL	77,65	78,62	81,81	68,23	69,62	73,73	72,78	72,14	72,41	87,89	84,32	81,53
VEST.CALÇ,ART.TEC.	64,14	66,65	77,91	81,17	89,85	103,61	83,50	84,75	87,88	84,84	84,20	84,56
PROD.ALIMENTARES	80,80	86,70	115,18	82,09	83,48	95,50	86,89	86,22	87,95	92,71	90,81	90,04
BEBIDAS	113,85	94,87	90,09	99,37	93,81	123,10	98,14	97,41	100,20	90,19	90,25	93,37
FUMO	102,11	99,12	115,37	75,57	75,77	98,96	89,29	86,55	88,45	86,70	84,71	86,19

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	ABR	MAI	JUN	ABR	MAI	JUN	JAN-ABR	JAN-MAI	JAN-JUN	ATE ABR	ATE MAI	ATE JUN
INDUSTRIA GERAL	104,72	110,38	125,93	90,07	92,34	101,85	93,31	93,11	94,66	95,31	94,16	94,15
IND.TRANSFORMAÇÃO	104,72	110,38	125,93	90,07	92,34	101,85	93,31	93,11	94,66	95,31	94,16	94,15
MIN.NÃO METALICOS	107,67	111,06	110,80	96,63	98,34	101,69	93,41	94,38	95,54	97,42	96,59	96,23
METALURGICA	105,72	109,55	108,21	84,49	88,13	92,64	91,31	90,66	90,98	92,90	91,33	90,75
MECANICA	107,79	105,71	111,21	94,85	91,72	91,09	102,32	100,04	98,38	103,56	101,68	99,57
MAT.ELETTRICO E COM	99,47	108,96	111,30	82,93	92,16	92,97	85,62	86,96	88,00	89,57	88,55	87,59
MAT. TRANSPORTE	120,27	124,89	140,34	98,99	103,12	115,05	106,02	105,43	107,07	92,92	94,25	96,75
PAPEL E PAPELÃO	141,58	144,68	146,25	91,15	92,71	99,98	92,03	92,17	93,42	96,13	94,63	94,16
BORRACHA	143,22	143,89	149,14	108,98	104,50	108,40	100,54	101,35	102,53	100,07	99,78	100,14
QUIMICA	100,53	117,90	150,30	91,77	88,85	105,25	96,20	94,43	96,65	101,66	99,15	98,79
FARMACEUTICA	117,91	129,81	148,62	70,59	83,18	88,73	81,20	81,59	82,86	89,59	87,38	86,57
PERF.SABÕES,VELAS	178,17	159,57	169,51	93,77	84,59	103,13	97,53	94,80	96,09	103,34	99,70	100,17
PROD.MAT.PLASTICAS	111,19	114,00	124,68	82,00	83,64	101,09	79,31	80,14	83,24	82,66	80,73	81,25
TEXTIL	100,98	107,24	109,08	87,81	92,49	98,59	87,24	88,27	89,90	89,37	88,79	89,12
VEST,CALÇ,ART.TEC.	74,85	75,10	79,51	84,77	87,35	105,85	79,35	80,91	84,54	75,85	75,50	77,14
PROD.ALIMENTARES	68,61	74,52	150,56	87,12	100,83	120,97	85,39	88,12	95,65	99,39	99,26	100,37
BEBIDAS	106,32	100,27	118,75	95,28	91,07	123,11	96,88	95,77	99,68	96,15	95,05	97,75
FUMO	59,08	59,29	64,30	85,67	96,13	109,11	92,22	92,93	95,31	87,99	88,74	91,25



PONDERAÇÃO CI-80

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - REGIÃO SUL

1988

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	ABR	MAI	JUN	ABR	MAI	JUN	JAN-ABR	JAN-MAI	JAN-JUN	ATE ABR	ATE MAI	ATE JUN
INDUSTRIA GERAL	123,01	122,80	130,79	96,44	95,92	98,95	96,66	96,51	96,94	97,29	96,63	96,02
EXTRATIVA MINERAL	111,95	113,72	116,30	119,05	117,70	102,76	111,75	112,91	111,03	99,52	102,19	102,03
IND.TRANSFORMAÇÃO	123,17	122,94	131,01	96,20	95,68	98,90	96,48	96,31	96,77	97,26	96,56	95,94
MIN.NÃO-METALICOS	111,73	110,61	107,86	100,74	101,12	97,91	98,79	99,24	99,03	99,68	99,38	99,12
METALURGICA	139,79	143,89	142,14	93,45	94,41	89,27	91,71	92,26	91,73	94,57	93,58	91,98
MECANICA	137,99	132,27	136,64	82,68	89,81	82,82	85,48	86,27	85,69	93,75	91,91	89,28
MAT.ELETTRICO E COM	156,72	139,74	181,82	88,40	81,51	92,30	98,09	94,77	94,31	101,32	98,77	96,77
PAPEL E PAPELÃO	144,56	144,98	147,57	94,86	97,38	101,36	96,68	96,82	97,56	99,99	99,35	99,26
QUIMICA	102,75	100,98	121,36	107,58	89,53	105,25	102,70	99,16	100,47	102,28	100,46	99,86
PERF.SABÕES,VELAS	123,50	136,96	142,96	99,52	109,74	122,75	96,22	98,88	102,58	90,47	91,65	93,17
PROD.MAT.PLASTICAS	114,02	117,51	130,94	85,51	89,57	107,64	88,53	88,74	91,72	87,61	86,00	86,62
TEXTIL	120,38	126,90	134,84	89,67	93,31	98,57	96,44	95,80	96,28	98,47	97,38	96,88
VEST,CALÇ,ART.TEC.	93,41	97,85	105,35	93,35	97,56	102,22	90,55	91,90	93,60	89,62	89,70	90,08
PROD.ALIMENTARES	110,51	115,79	122,03	107,03	103,18	101,88	105,55	105,05	104,46	102,64	103,09	102,84
BEBIDAS	148,32	136,06	180,36	96,11	123,71	153,83	97,12	101,68	109,75	80,47	85,32	90,56
FUMO	329,33	295,50	229,16	99,24	103,08	99,26	106,26	105,55	104,58	105,11	104,68	103,59

IBGE

02/08/88 PAG 22